A TENSÃO ENTRE TRADIÇÃO E PÓS-MODERNIDADE EM **CHÁ DAS CINCO COM O VAMPIRO**, DE MIGUEL SANCHES NETO

Thiago Machado de Matos Silva *

Resumo

Neste ensaio pretendo discutir acerca da tensão entre a tradição e a pós-modernidade no romance **Chá das cinco com o vampiro**, de Miguel Sanches Neto. Inicialmente, abordarei o olhar do narrador sobre o espaço paradoxal de Curitiba. Depois, discorrerei sobre o olhar do narrador Beto sobre a Curitiba ambivalente da personagem Geraldo Trentini. Em seguida, versarei acerca da dialética entre os espaços de Peabiru e Curitiba. Por fim, compararei o retorno do narrador Beto à Peabiru ao mito de Sísifo. Para realizar essas reflexões, tornam-se importantes o olhar do narrador, os espaços da narrativa (Peabiru e Curitiba), a alegoria do anjo da história benjaminiano e os tropos linguísticos metáfora e metonímia.

Palavras-chave: Romance brasileiro; tradição; pós-modernidade.

Não há viagem sem reencontro com Ítaca,
que dá sentido ao deslocamento.

Michel Onfray.

Se o leitor destas linhas acredita que encontrará em nosso ensaio reflexões impressionistas ou biográficas sobre o livro **Chá das Cinco com o Vampiro**, de Miguel Sanches Neto, pode desacreditar, pois o método que utilizarei aqui será o próprio texto. E ainda que esse método apresente lacunas e imperfeições, é o que me auxiliará nesse laborioso ato de crítica, que, para Machado de Assis, deve ter muito mais que um desejo de falar à multidão. Perseguirei, portanto, esse muito mais, simbolizado neste ensaio pela tensão existente entre a tradição e a pós-modernidade no romance de Miguel Sanches Neto. Para realizar o nosso trabalho, três noções se tornam fundamentais: o olhar do

* Mestre em Letras/Estudos Literários pela Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: poesiatm@yahoo.com.br.

narrador, o espaço da narrativa (Peabiru e Curitiba) e a alegoria do anjo da história benjaminiano. Chamamos atenção para esta última.

Walter Benjamin, no texto “Sobre o conceito da história”, traz a imagem do quadro de Paul Klee, intitulado “Angelus Novus”, em que um anjo parece estar a ponto de afastar-se de algo em que crava seu olhar. Seus olhos estão arregalados, sua boca está aberta e suas asas estão estiradas. É o anjo da história. Ele tem o rosto voltado para o passado. E enxerga nesse passado uma única catástrofe, que sem cessar amontoa escombros sobre escombros e os arremessa a seus pés. O anjo bem que gostaria de demorar-se, de despertar os mortos e juntar os destroços. Mas, do paraíso sopra uma tempestade que se emaranhou em suas asas e esta é tão forte que o anjo não pode mais fechá-las. A tempestade o impele para o futuro, para o qual dá as costas, enquanto o amontoado de escombros diante dele cresce até o céu. Tal progresso é a tempestade (BENJAMIN, 1987, p. 226). Contemplo o anjo benjaminiano para discutir o olhar do narrador sobre um espaço ambivalente, ora caracterizado por uma Curitiba paradoxal, dividida entre a tradição e a pós-modernidade, ora caracterizado pela oposição entre uma Peabiru rústica e simbolicamente representante da tradição familiar, e uma Curitiba civilizada e simbolicamente representante da pós-modernidade.

No anjo alegórico que proponho, a personagem Martha é a tempestade perturbadora, já que ela é quem provoca a mudança de Beto, narrador-personagem do romance **Chá das Cinco com o Vampiro**, para Curitiba, impelindo-o para a pós-modernidade¹ (futuro). Destacamos ainda que o olhar do anjo benjaminiano (Beto), mesmo em espaço pós-moderno² (Curitiba), volta-se para espaços que simbolizem os “escombros” e as “ruínas” da tradição. Assim, o rosto do narrador, como o do anjo da

¹ Sei da abrangência do conceito de pós-modernidade e de seu problema. Por isso, não pretendo explorar os pontos nevrálgicos desse conceito. No entanto, quando me refiro à pós-modernidade, faço alusão a uma concepção muito próxima da defendida por Terry Eagleton, que a considera como a mudança histórica ocorrida no Ocidente para uma nova forma de capitalismo – para o mundo efêmero e descentralizado da tecnologia, do consumismo e da indústria cultural, no qual as indústrias de finanças, serviços e informação triunfam sobre a produção tradicional, e a política clássica de classes cede terreno a uma série difusa de “políticas de identidade”.

² Este conceito que aplico aqui é o conceito defendido por Jean-François Lyotard. Para ele, o termo pós-moderno designa o conjunto das transformações ocorridas nas regras do jogo da produção cultural e que marcam o advento das sociedades pós-industriais. Para a análise dessa sociedade pós-moderna e pós-industrial, Lyotard se utiliza, sobretudo, do saber científico como discurso. Não podemos deixar de mencionar ainda os apontamentos que Silvano Santiago fez sobre esse conceito de Lyotard. Silvano Santiago, ao analisar esse termo em Lyotard, afirma que o pós-moderno faz parte do moderno e que apesar desse vínculo, a pós-modernidade deve eliminar o traço nostálgico que atua na modernidade.

história benjaminiano, está voltado para o passado e para as ruínas deste. E é isso que tentarei apontar neste ensaio.

1. O espaço ambivalente de Curitiba

Sumariamente, o livro **Chá das Cinco com o Vampiro** traz a estória de Beto, narrador-personagem, que, após sofrer uma desilusão amorosa em Peabiru, sua cidade natal, abandona a família e vai morar em Curitiba. Nesta cidade, torna-se crítico literário e conhece Geraldo Trentini, escritor famoso e representante da tradição curitibana. A partir dessa relação com Trentini, das lembranças de Peabiru e de suas experiências curitibanas, a narrativa se desenvolve até que a personagem Ester, tia e mentora intelectual de Beto, adoece. Ele, então, decide abandonar a profissão de crítico literário e escritor e retorna à Peabiru, onde, depois da morte de sua tia, começa a cuidar da fazenda de sua família com a ajuda do pai, antigo desafeto.

Feito esse breve resumo, o nosso foco passa a ser o espaço curitibano e como o narrador-personagem apreende esse espaço. Nesse sentido, a mudança deste para Curitiba é fundamental. Ao mudar-se, ele sente a necessidade de conhecê-la, de torná-la familiar. Isso fica bem claro quando, ao invés de se matricular no cursinho pré-vestibular, prefere deambular pelo espaço citadino na tentativa de apreendê-lo:

Andei pela cidade como um general que inspeciona a região em que vai acampar com seu exército. Cada detalhe era retido pela memória, para que depois eu pudesse pensar numa rua e ter a imagem dela” (SANCHES NETO, 2010, p.141).

No livro **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer, Michel de Certeau diz que “espaço é um lugar praticado” (CERTEAU, 2008, p.172-173). No excerto acima fica claro que Beto, em seu contato inicial com a capital paranaense, pratica e busca compreender o espaço curitibano ao andar por ele como um general em inspeção e também ao reter em sua memória as imagens desse espaço. Tais ações fazem surgir, no decorrer da narrativa, uma Curitiba ambivalente, dividida entre a tradição e a pós-modernidade.

Na imagem do anjo benjaminiano da história existe a tensão entre o passado catastrófico, cujo espaço é repleto de escombros, e o futuro, cujo espaço é representado pela tempestade do progresso. Ao descrever a cidade de Curitiba, o narrador-personagem do livro de Miguel Sanches Neto se assemelha ao anjo da história por criar

uma relação dialética entre o passado, cujo espaço é representado pela Curitiba tradicional e em ruínas, e o “presente”, cujo espaço é representado pela Curitiba pós-moderna e em “progresso”. O primeiro exemplo desse “lugar” ambivalente se dá numa visita que Beto faz à livraria Chain. Lá, ele encontra o jornalista e “escritor experimental” Valério Chaves, e acaba fugindo dele e de seus cacoetes. Após esse inesperado encontro, resolve perambular por Curitiba, descrevendo-a:

Os muros são de concreto e imitam árvores. Pertencem ao tempo dos Simbolistas, que tentaram fazer da cidade uma réplica da alta civilização. Mas agora apenas famílias pobres, veados velhos e putas estropiadas frequentam os jardins, sentados em bancos úmidos, olhando os animais nas jaulas, os peixes intoxicados na água turva do lago ou as pombinhas comendo pipocas atiradas pelas raras crianças (SANCHES NETO, 2010, p.68).

Neste trecho, o narrador olha para dois espaços ambivalentes: o muro de concreto, pertencente ao tempo tradicional dos Simbolistas (passado) e os jardins, pertencente a uma cidade pós-moderna, onde os ideais de civilização fracassaram. A metáfora do muro como símbolo dessa tradição é fundamental, uma vez que traz consigo a noção de resistência, de permanência. O muro de concreto é a tradição que resiste no espaço do “agora” (cidade pós-moderna), invadido por famílias pobres, veados velhos e putas estropiadas. Assim, Beto, ao descrever esse espaço ambivalente, que põe em paradoxo tradição e pós-modernidade, age como o anjo de Benjamin, isto é, olha para o passado e vê que uma catástrofe única se acumulou na paisagem da Curitiba pós-moderna: a sensação de fracasso. O ideal Simbolista de fazer com que a capital curitibana fosse uma réplica da alta civilização fracassou e o que restou foram vestígios de um espaço citadino repleto de ruínas vazias, identificadas pelos animais nas jaulas, pelos peixes intoxicados na água turva do lago e pelas pombinhas comendo pipocas atiradas pelas raras crianças.

Na verdade, o olho câmera do narrador parece descrever duas Curitibas, uma do passado e outra do presente; uma efêmera e outra eterna. A Curitiba efêmera seria a cidade pós-moderna, vinculada ao mundo circunstancial, das mudanças velozes e das paisagens fortuitas. Já a Curitiba eterna seria a cidade tradicional, em escombros, mas de paisagens permanentes. É para essa cidade que os olhos de Beto se voltam. O exemplo mais evidente desses olhos que se voltam ao passado está no episódio em que um jornalista pede a Beto que o leve para conhecer a Curitiba deste. Nesse episódio, o apego ao passado e a tradição é explícito. Os espaços descritos pelo narrador representam

metonimicamente esse apego. Inicialmente, ele leva o jornalista ao Sebo de Emiliano Pernetá. “O cheiro de coisa velha faz com que o jornalista espirre. Ele pede para sair” (SANCHES NETO, 2010, p. 218). O Sebo é a parte que substitui o todo da tradição, simbolizando-a. Inclusive, o cheiro de coisa velha reforça a concepção de passado e, conseqüentemente, a ideia de tradição. E o espirro do jornalista pode ser entendido ainda como certa aversão deste a essa tradição.

Depois, outro espaço que representa metonimicamente a tradição curitibana é o bar do Stuart. Neste trecho, a assertiva de Beto sobre o bar reforça a nossa hipótese de que este é mais um espaço metonímico da Curitiba tradicional: “É apenas um lugar tradicional da cidade” (SANCHES NETO, 2010, p. 219). Em seguida, o espaço metonímico que Beto visita é o edifício Asa. Este fragmento representa metonimicamente muito bem os espaços em ruínas dessa Curitiba que, embora envelhecidos pelo tempo, permanecem na paisagem da Curitiba pós-moderna:

Você quer ver como a cidade está para desmoronar? O edifício Asa é uma espécie de sismógrafo. Depois de esperar na fila subimos no velho elevador, que range a cada andar. Paramos uma pouco antes do fim. O elevador continua. Ficamos na frente da porta fechada, o prédio treme e o jornalista olha para as rachaduras do piso (SANCHES NETO, 2010, p. 219).

Os léxicos narrativos aí não são em vão. As palavras “desmoronar”, “velho”, “range”, “treme” e “rachaduras” causam tensão nas unidades sintagmáticas, reforçando a impressão de uma Curitiba em escombros, velha e tradicional. Por fim, o último espaço que representa metonimicamente essa cidade é o bar do Alemão: “Sentamos em uma das mesas da frente, para poder observar o movimento, ele me pergunta se todos os lugares da cidade são assim... antiquados. – Não, só os que me agradam.” (SANCHES NETO, 2010, p. 219).

Tal afirmativa do narrador-personagem põe fim ao périplo por essa Curitiba antiquada que encanta o narrador. Percebe-se que ele se fixa nos espaços dessa Curitiba tradicional (do passado), aproximando-se do anjo da história bejaminiano, que dá as costas para o futuro e se fixa no passado. O olhar de Beto que propomos é um que se volta às recordações e dá as costas para o presente, identificador temporal da Curitiba pós-moderna. Um olhar que, através da metáfora e da sinédoque, enxerga uma Curitiba em palimpsesto, que parece estar sob o espaço da Curitiba pós-moderna. Os olhos desse

narrador, assim, ao se voltarem para a Curitiba tradicional, não só fazem com que ela emergja no texto, mas também criam um paradoxo no espaço da narrativa que acaba sendo seu maior mérito.

1.1 A Curitiba ambivalente de Geraldo Trentini

Além de observarem a Curitiba ambivalente do narrador-personagem, os olhos do narrador também se voltam para a Curitiba ambivalente da personagem Geraldo Trentini, com quem Beto desenvolve uma estranha relação de amizade e de “dívida” literária. Assim, nessa nova apreensão do espaço Curitibano, as atenções do narrador se desviam de suas próprias experiências e paisagens para apreenderem o espaço e a Curitiba do outro. Este outro, no caso, é Geraldo Trentini. Novamente, evocamos a imagem do anjo benjaminiano, já que o olhar desse narrador continua a se direcionar para o passado e para uma Curitiba representante da tradição. Nesta nova óptica de Beto, seus olhos perseguem o escritor Geraldo Trentini, representante da tradição literária curitibana, e os espaços que ele frequenta. Dessa forma, o espaço se confunde com a personagem, pois ambos representam metaforicamente uma Curitiba do passado, uma Curitiba tradicional. Essa Curitiba tradicional vai se opor à Curitiba pós-moderna, onde o vampiro – Geraldo Trentini – não se reconhece mais.

Por não se reconhecer mais nessa Curitiba pós-moderna é que ele vive recluso em sua casa e se prende à Curitiba do passado. A personagem de Trentini é um ser estranho e antiquado dentro da Curitiba pós-moderna: “Continua na casa velha, usando roupas simples, andando a pé, só eventualmente sai com sua Parati 86, que apodrece na garagem de madeira, pronta para cair, ao lado da cabana em que escreve” (SANCHES NETO, 2010, p.31). A Curitiba em que ele vive é uma cidade só sua, onde sua casa velha, suas roupas simples, sua Parati em ruínas e sua garagem pronta para desabar ainda são tolerados. Por isso, a preguiça, o ritmo cada vez mais lento da escrita e a preferência pela máquina de escrever, em detrimento ao computador, pois o ritmo da personagem Geraldo é da Curitiba tradicional. O lento que contrasta com o frenético e veloz da Curitiba pós-moderna: “Após o início difícil, ele perdeu toda a pressa, mantendo

o ritmo meio agrário de sua velha Curitiba, de onde nunca se ausentou” (SANCHES NETO, 2010, p.41).

No entanto, não só o ritmo e os hábitos de Geraldo destoam da Curitiba pós-moderna. Os espaços que ele frequenta também. Nesse sentido, os olhos-câmera do narrador são imprescindíveis para que percebamos essa tensão entre o tradicional e o pós-moderno. O primeiro exemplo é o parque localizado próximo à casa de Geraldo. Beto nos chama a atenção para esse espaço:

Como há décadas o vampiro caminha pelo velho parque perto de sua casa, tem interesse naquele lugar, onde a fúria dos novos urbanistas ainda não tinha chegado. Mas agora estão alterando o último espaço público da velha Curitiba e Geraldo sente que sua cidade está em perigo (SANCHES NETO, 2010, p.58).

Neste trecho fica evidente a ambivalência entre a Curitiba pós-moderna e a Curitiba tradicional. O espaço do parque, como a personagem Geraldo, são os últimos representantes da Curitiba velha e tradicional. Ambos correm perigo de se extinguirem na Curitiba pós-moderna. Percebemos a semelhança entre personagem e espaço. Assim se dá a identificação de Geraldo com os espaços que simbolizem esse passado. Outro espaço que simboliza a Curitiba tradicional a que Geraldo se mantém fiel é a confeitaria *Schaffer*. Nesta acontecem a maioria dos encontros entre Beto e o vampiro. Em um deles, percebe-se a tensão entre pós-modernidade e tradição através do contraste da coca-cola, um dos símbolos da globalização, do capitalismo e da pós-modernidade, e da coalhada, pedido preferido do vampiro e símbolo gastronômico da tradição desse espaço:

Eu tinha pedido uma Coca-Cola e uma empadinha de palmito. Geraldo: média, torrada de geleia de morango. Sempre implica com Coca-Cola, ele que frequenta restaurantes vegetarianos, embora não seja vegetariano, e se mantém fiel à velha confeitaria Schaffer, com sua coalhada tão tradicional quanto ruim, com gosto de vinagre (SANCHES NETO, 2010, p.29).

O olhar do narrador-personagem do romance **Chá das Cinco com o Vampiro**, ao se lançar à personagem Geraldo Trentini, às experiências dele e aos espaços frequentados por ele, assemelha-se ao olhar do narrador pós-moderno, proposto por Silvano Santiago ao analisar os contos de Edilberto Coutinho:

O olhar humano pós-moderno é desejo e palavra que caminham pela imobilidade, vontade que admira e se retrai inútil, atração por um corpo que, no entanto, se

sente alheio à atração, energia própria que se alimenta vicariamente de fonte alheia (SANTIAGO, 1989, p. 51).

A óptica de Beto se alimenta de fonte alheia e é desejo e palavra que caminham pela imobilidade (Geraldo Trentini e os espaços que ele frequenta parecem paralisados no tempo) do vampiro. Esse olhar também se admira e se retrai inútil sobre a figura do vampiro e sobre os espaços “dele”, sente-se atraído e alheio à atração, alimentando-se antiteticamente dessa personagem. Assim, ao se referir a Geraldo ou aos espaços ambivalentes que ele ocupa, Beto age como um espectador, isto é, aquele que vê. O “ver” de Beto, pelo modo que se interessa pelo outro (no caso, Trentini) e pelo modo que enxerga o que está ao redor desse outro, é fundamental para entendermos o espaço ambivalente de Trentini. É preciso que o narrador-personagem olhe para que o leitor possa ver também: “Olho os móveis antigos, o balcão descascado, as paredes sujas e os pisos encardidos. Pertencem a uma outra Curitiba, que não existe mais.” (SANCHES NETO, 2010, p.32).

O narrador olha com olhos de repórter para que o leitor enxergue a Confeitaria *Schaffer*, metáfora da Curitiba tradicional a que Geraldo pertence. Esses olhos atentos do narrador, ao se voltarem para o passado (simbolizado por Geraldo e sua Curitiba tradicional), criam uma Curitiba ambivalente que mistura personagem e espaço; que provoca uma tensão entre tradição e pós-modernidade; e que torna presente o passado: “Habitante de uma cidade localizada em épocas conflitantes, Geraldo torna presente o passado.” (SANCHES NETO, 2010, p.60). Portanto, neste primeiro momento, destacamos duas reflexões sobre o olhar do narrador e o espaço da narrativa:

1) O narrador, ao praticar o espaço curitibano e ao conhecê-lo, torna-o ambivalente. Divide-o entre tradição e pós-modernidade. Tal tensão faz com que o olhar desse narrador se assemelhe ao do anjo benjaminiano da história, pois este se divide entre os espaços do passado, para o qual se fixa, e do futuro, para o qual dá as costas, e aquele se divide entre o espaço do passado, para o qual se volta, e o espaço do “presente”, que busca recusar.

2) O narrador, ao praticar os espaços do personagem Geraldo Trentini, age, novamente, como o anjo da história bejaminiano, uma vez que o anjo se divide entre os espaços do passado, para o qual se fixa, e do futuro, para o qual dá as costas, e o narrador rejeita o

ambiente da Curitiba pós-moderna e se vincula ao da Curitiba tradicional de Trentini, local onde este personagem teima em permanecer.

2. A ambivalência Peabiru-Curitiba

Neste segundo ponto de discussão, proponho analisar a dialética existente entre o espaço urbano de Peabiru e o espaço urbano de Curitiba. Este caracterizado pela civilização e pós-modernidade, e aquele pela rusticidade e tradição familiar. Nota-se que a cidade de Peabiru é metáfora da tradição familiar, da qual o narrador Beto não consegue se desvencilhar durante sua permanência em Curitiba. Pretendo, assim, demonstrar como o narrador Beto se assemelha ao anjo benjaminiano quando crava seu olhar em Peabiru, apesar de estar no espaço Curitibano, metáfora da pós-modernidade.

O paradigma principal para entender a dialética entre Peabiru e Curitiba é a mudança de Beto para o espaço curitibano, marcada pelas transições rústico→civilizado; tradição familiar→pós-modernidade; escuro→claro. A cidade de Peabiru é descrita por Beto como uma cidade suja, desleixada, repleta de uma poeira vermelha permanente, enfim, uma cidade onde nada acontece. À noite, então, essa cidade adquiria um aspecto ainda mais triste, assemelhando-se a uma cidade abandonada e em ruínas :

Peabiru à noite ainda é mais triste. Dá a impressão de uma ruína, de uma cidade abandonada, com casas de muros caídos e cercas pobres. Tudo é desolação num lugarejo sem história, sem crença no futuro, em que as pessoas apenas existem, conformadas com a razão diária de fofoca, cerveja e inveja. (SANCHES NETO, 2010, p. 105).

É esse espaço rústico, provinciano e cheio de lembranças desagradáveis do pai que Beto queria esquecer. O narrador, assim, cria um jogo antitético interessante para contrapor o espaço peabiruense ao espaço curitibano. Esse jogo se caracteriza pela oposição entre as metáforas do claro e escuro. O escuro simbolizando a poeira de Peabiru, a tradição familiar e a rusticidade. E o claro simbolizando a pós-modernidade e a civilização de Curitiba. As primeiras impressões de Beto sobre Curitiba, ainda no ônibus, já vaticinam o contraste entre o narrador, escurecido pela poeira e pelo sol de Peabiru, e Curitiba, a cidade de “pele clara”:

Fiquei olhando as ruas, os carros novos, as casas com jardins, pessoas com capas de chuva e mulheres com botas. Tudo negava o que eu conhecia como cidade. Teria que aprender de novo a geografia desse corpo de pele clara, silhueta esguia e com uma solene indiferença ao meu ser escurecido pelo sol e pela poeira. (SANCHES NETO, 2010, p. 137).

Era preciso civilizar-se. Era preciso “embranquecer-se” para ficar parecido com um habitante curitibano. Então, Beto promove um verdadeiro ritual de purificação e de limpeza quando chega ao apartamento onde moraria com outros estudantes de Peabiru. Esse ritual marca metaforicamente a transição dos duplos Peabiru → Curitiba; tradição familiar → pós-modernidade; escuro → claro. E marca também, definitivamente, o desejo do narrador de pertencer ao espaço curitibano, claro e pós-moderno:

Era estranha esta necessidade de limpeza. Abri minha mala e peguei meus sapatos, que antes me pareciam limpos, e os levei ao tanque. Tirei a terra das solas. Percebi que minhas meias tinham manchas e fui jogando tudo numa bacia de sabão em pó. Precisava de roupas minimamente apresentáveis, eu não estava mais em minha cidadezinha. Depois de esfregar roupas e de lavar a louça, minhas mãos ficaram brancas e enrugadas. Peguei uma muda nova de roupa e uma toalha e me tranquei no banheiro, tomando um banho lento e minucioso. Senti-me um pouco mais confortável, pronto para esperar os amigos. (SANCHES NETO, 2010, p.139).

O narrador-personagem nesse trecho procura eliminar os vínculos com sua terra natal, Peabiru. Por isso, ele tenta retirar os resíduos de terra peabiurense em seus objetos e em seu corpo. Ele não queria mais olhar para trás e ver os hábitos de colono e as lembranças familiares, uma vez que o que interessava, agora, era a nova vida no novo espaço citadino. E a partir do momento em que começa a sair água limpa das suas roupas, ele acredita que o período de purificações terminara: “Quando começou a sair água limpa delas, eu sabia ter acabado o ritual de purificações” (SANCHES NETO, 2010, p. 142). E acredita ainda que já se poderia considerar um legítimo curitibano: “Já podia me considerar um legítimo curitibano” (SANCHES NETO, 2010, p.143).

No entanto, esse ritual não é suficiente para que Beto consiga se desvincular de Peabiru e da forte influência que a família exerceu sobre ele. Assim, olha para o passado. E mesmo que tente negá-lo – “Tudo que quero é não me ver como filho de meu pai, de Peabiru e de minha trajetória” (SANCHES NETO, 2010, p.165) – não consegue. O nome da rústica Peabiru aparece simbolicamente em alguns momentos da narrativa, ratificando que o narrador não consegue romper em definitivo com sua terra natal. Ele não consegue

cortar o cordão umbilical que o vincula à Peabiru e às lembranças de seu pai, sua mãe e tia Estér. O primeiro exemplo dessa Peabiru que povoa o espaço curitibano se dá na relação de Beto com seus colegas de quarto: Cléber e Sérgio. Ambos tinham diversões muito semelhantes às do pai de Beto. Há, então, um deslocamento da figura paterna e suas preferências para a figura dos amigos. Peabiru se transportava para Curitiba: “A diversão dele e do Cléber: cerveja, piadas e mulheres. Peabiru transportada para Curitiba.” (SANCHES NETO, 2010, p.154).

O segundo exemplo dessa Peabiru transportada para Curitiba está no presente que Beto recebe de sua tia Estér: um carro. O automóvel, um Gol zero, possuía placa de Peabiru e isso incomodava Beto:

Ele chegou no meio da tarde. Minha primeira volta foi para levar o motorista à rodoviária, depois fui aos bairros, com uma sensação de que agora realmente ia pertencer à cidade, não ficaria preso ao tabuleiro central em que me movia. Pena que a placa era de Peabiru. (SANCHES NETO, 2010, p. 179-180).

O sentimento de pertencer a Curitiba, portanto, nunca veio, já que os fantasmas peabiruenses sempre o importunavam. Nos trechos que mencionamos anteriormente tanto a diversão dos amigos quanto a placa do carro se referem a algum membro da família de Beto (a diversão ao pai e a placa do carro à tia). Assim, a cidade de Peabiru funciona como metáfora dessa tradição familiar da qual Beto não consegue se desprender. O maior exemplo da luta dele contra a cidade natal é a metáfora do dente:

Você acha que um dente podre é um problema fácil de ser resolvido. Vai ao dentista, toma uma anestesia e logo ele extrai os pedaços da presa deteriorada. Depois a raiz. Você sai do consultório com uma sensação de limpeza, a boca adormecida, mas quando passa a anestesia, sente dor e se acostuma a enfiar a língua no buraco deixado em sua arcada dentária. Esse buraco se chama memória. Alguns tentam fechá-lo com uma prótese. É o que eu buscava com minhas fugas. Uma prótese. Que não se encaixava direito. Toda vez que ia morder algo mais duro, vinha a dúvida se o dente postiço ia agüentar. Por receio, a gente acaba buscando alimentos mais tenros. E a vida perde muito de seu sabor. (SANCHES NETO, 2010, p.161).

Neste trecho, Peabiru pode ser compreendida, simbolicamente, como o dente podre que fora extraído. E Curitiba como a prótese que substituíra o dente podre (Peabiru). Percebemos que o buraco deixado pelo dente podre nunca consegue ser preenchido completamente pelo dente postiço. Por isso, há sempre a lembrança do dente que fora arrancado. Nesse sentido, embora esteja em espaço curitibano novo, que, no excerto

acima corresponde ao dente postiço, o narrador nunca consegue se livrar do passado e das recordações desse passado, simbolizado pelo dente podre que fora arrancado (Peabiru). Portanto, Beto se volta para seu passado (Peabiru, no caso, seu dente podre) assim como o anjo benjaminiano da história olha para o passado catastrófico que amontoa escombros sob seus pés. Portanto, neste segundo momento, ressaltamos outra reflexão sobre o olhar do narrador e o espaço da narrativa:

3) O narrador se assemelha ao anjo benjaminiano da história porque este se fixa no passado e dá as costas para futuro, e aquele também se fixa no espaço de seu passado (Peabiru) e dá as costas para o espaço de seu presente (Curitiba).

3- Peabiru: o retorno de Sísifo

Para que o leitor compreenda melhor a força da tradição familiar no romance de Miguel Sanches Neto e oposição desta à pós-modernidade, compararei o retorno de Beto à Peabiru com o mito de Sísifo. Este, filho de Éolo, foi considerado o mais astuto de todos os mortais. Construiu e governou a cidade de Corinto, no estreito entre duas terras. Por sua traição a Zeus, foi punido nos Inferos e condenado a empurrar uma pesada rocha de mármore de uma planície, montanha acima. Mas, quando achava que já tinha chegado ao alto, sua carga voltava e a persistente rocha rolava outra vez para baixo. E assim, o torturado criminoso estava condenado a sempre empurrar a rocha outra vez para cima.

Sísifo construiu e governou a cidade de Corinto no estreito entre duas terras. Beto também construiu e governou seu destino entre duas terras: Peabiru e Curitiba. Por sua traição a Zeus, Sísifo fora punido e condenado a empurrar a rocha, repetidamente, montanha acima. Por cometer o “crime” de amar Martha e nunca esquecê-la, e, principalmente, por não conseguir se desvencilhar de sua tradição familiar, Beto fora condenado a voltar à Peabiru para cuidar das terras familiares pelo resto dos dias.

Dessa forma, a personagem Beto se assemelha a Sísifo pela ideia de repetição, de movimento cíclico. Sísifo fora condenado a empurrar a pedra. E Beto, mesmo tendo a oportunidade de mudar seu destino, decidiu abandonar a Curitiba pós-moderna, onde exercia o trabalho de crítico literário e escritor, para retornar à Peabiru e “empurrar”, continuar a vocação agrícola de sua família, tornando-se agricultor também. Esse gesto de retorno põe fim a tensão entre a tradição e a pós-modernidade existente na narrativa,

já que Beto, ao sepultar sua tia Ester, acaba enterrando a personagem que mais se vinculava às noções de civilização e pós-modernidade curitibanas.

Dessa maneira, a morte de tia Ester simboliza, metaforicamente, a morte das concepções de civilização e pós-modernidade, o que ratifica toda a ideia do anjo da história benjaminiano que propomos aqui, pois os olhos do narrador dão as costas à Curitiba pós-moderna e civilizada e se voltam ao passado, reencontrando com sua “Ítaca” (Peabiru), com a tradição familiar e com a mesma tempestade que o impeliu ao futuro: “Peabiru já foi invadida pela tempestade de poeira” (SANCHES NETO, 2010, p.284). Essa tempestade tem um nome. O nome dela? Martha.

Abstract

In this essay, I intend to discuss about the tension between tradition and postmodernity in the romance **Chá das cinco com o vampiro**, by Miguel Sanches Neto. Initially, I will discuss the look of the narrator on the paradoxical space of Curitiba. Then I will talk about the narrator Beto on the ambivalent Curitiba character of Geraldo Trentini. Then I will speak about the dialectic between the spaces of Peabiru and Curitiba. Finally, I will compare the return of the narrator Beto the Peabiru to the myth of Sísifo. To accomplish these reflections, the narrator's look, the spaces of the narrative (Peabiru an Curitiba), Benjamin allegory of the angel and the linguistic tropes metaphor and metonymy become important.

Keywords: Brazilian novel; tradition; postmodernity.

Referências

ASSIS, Machado de. O ideal do crítico. In: **Obra completa de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987. p. 222-232.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1**. Artes de fazer. 15. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

DIMAS, Antonio. **Espaço e romance**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Trad.: Elisabeth Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

HANSEN, João Adolfo. **Alegoria – construção e interpretação da metáfora**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. 8. ed. São Paulo: Objetiva, 1997.

LÖWY, Michel. **Walter Benjamin: aviso de incêndio**. Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. Trad.: Wanda Nogueira Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2005.

LYOTARD, Jean-François. **O pós-moderno**. 3. ed. Tradução de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

ONFRAY, Michel. **Teoria da viagem: poética da geografia**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2009.

SANCHES NETO, Miguel. **Chá das cinco com o vampiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010

SANTIAGO, Silviano. O narrador pós-moderno. In: **Nas malhas da letra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SCHWAB, Gustav. **As mais belas histórias da antiguidade clássica: os mitos da Grécia e de Roma**. Trad.: Luís Krausz . Vol I. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.